

**VIAGEM E JORNADA INTERIOR:
INCURSÕES AO TEMA, DE MARÍA DE ZAYAS (Séc. XVII) A ELIZABETH
GILBERT (Séc. XXI)**

**TRAVELLING AND THE INTERIOR JOURNEY:
INCURSIONS TO THE TOPIC, FROM MARÍA DE ZAYAS (17TH CENTURY) TO
ELIZABETH GILBERT (21ST CENTURY)**

Rosangela Schardong*

Resumo: A viagem como método para se obter conhecimento de mundo e autoconhecimento está presente na literatura e na cultura ocidentais desde os épicos versos de Homero. O exemplo de Ulisses, modelo de homem prudente, foi, de tempos em tempos, atualizado pelas artes e por diferentes correntes do pensamento. Este artigo propõe uma reflexão sobre o tema a partir da aproximação com princípios filosóficos, políticos e religiosos da Espanha dos séculos XVI e XVII, como também com obras literárias de autoria feminina que apresentam por intermédio de suas protagonistas, ou de forma autobiográfica, experiências relativas à viagem como meio para efetuar a jornada interior de autodescoberta. Observaremos como os preceitos da filosofia neoestoica, que guiaram as normas de conduta da nobreza espanhola no período mencionado, foram mimetizados pelas belas letras. Iniciando por um dos contos de María de Zayas (1637), indicaremos em obras de diferentes épocas a reiterada atualização do diálogo entre a literatura feita por mulheres e as clássicas proposições filosóficas que ensinam a alcançar o conhecimento de si e a sabedoria.

Palavras-chave: Viagem; Jornada interior; Autoconhecimento; Sabedoria; Escrita feminina.

Abstract: Travelling as a method of obtaining knowledge of the world and self-knowledge is present in literature and in Western culture since Homer's epic verses. The example of Ulysses, a model of a wise man, was from time to time updated by the Arts and by different currents of thought. This paper proposes a reflection on the theme from the approach to philosophical, political and religious principles in the 16th and 17th Century Spain, as well as from the literary works of female authors who present through their main female characters, or in an autobiographical way, experiences related to travelling as a means to make an inner journey of self-discovery. We will observe how the precepts of neo-stoic philosophy that guided the rules of conduct of the Spanish nobility in the above-mentioned period, were mimicked by the Belles-Lettres. Starting from one of the short-stories by María de Zayas (1637), we will point out in works from different times the repeated updating of the dialog between literature produced by women and the classic philosophical propositions that teach how to achieve self-knowledge and wisdom.

Keywords: Travelling; Inner journey; Self-knowledge; Wisdom; Female authors.

* Professora Adjunta do Departamento de Letras Modernas da Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR. Coordenadora do projeto de pesquisa Poética dos gêneros na literatura espanhola. Doutora em Literatura Espanhola e Hispano-americana pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, defendendo a tese *Exemplo e desengano: defesa da mulher na obra de Maria de Zayas* (2008).

Desde os clássicos poemas de Homero a viagem é indicada na literatura e no pensamento ocidental como grande fonte de conhecimentos. De tal preceito pode-se inferir que a viagem possui uma dimensão externa, no campo da ação e da percepção sensorial, cujo efeito mais importante é interno: o aprendizado.

Na Europa do século XVI a revitalização do pensamento e das artes greco-latinas promove a figura do homem sábio e prudente, delineado pelas escolas filosóficas da era helenística (cf. REALE; ANTISERI, 2009), como um ideal a ser alcançado pelos membros da nobreza, posto que estes deveriam estar a serviço do Príncipe e participar com ele do encargo de governar (cf. PÉCORA, 1997, p. XIV-XV). Encontramos em *O Cortesão* (1528), de Baldassare Castiglione, exemplo e modelo desta forma de pensar e agir. O tratado propõe um paradigma de *cortesania* que prima pelo senso natural de ‘medida’, “o que implica tanto o domínio racional dos sentidos e dos instintos, excessivos e incoerentes, quanto a disposição ou faculdade de participar das verdades inteligíveis e eternas, de que a Corte é espelho”, explica Alcir Pécora, no prólogo à edição brasileira (1997, p. XI). Portanto, a ação do cortesão “deve tender para a virtude afetiva, moral, espiritual que incorpora a ambição estoica da imperturbabilidade, do domínio de si diante dos altos e baixos da vida” (loc. cit.). A posse de tais virtudes caracteriza o arquétipo do cortesão “discreto, prudente e político” (PÉCORA, 1997, p. XIII), que será difundido nas cortes europeias.

No tratado *El discreto* (1646), dedicado a ensinar a arte da prudência aos nobres do vasto império espanhol, Baltasar Gracián recomenda que o homem sábio divida a viagem da vida em três partes. A primeira, empregue em “hablar con los muertos. La segunda, con los vivos. La tercera, consigo mismo” (1997, p. 358). Decifremos o enigma. Gracián aconselha que o *discreto* destine o primeiro terço da vida a ler, posto que “nacemos para saber y sabernos, y los libros con fidelidad nos hacen personas” (1997, p. 354). Depois de alimentar a alma aprendendo línguas, História, Poesia, Filosofia, Cosmografia e as Sagradas Escrituras, o homem que ambiciona ser sábio deve peregrinar, isto é, deve buscar e desfrutar “de todo lo bueno y lo mejor del mundo” (1997, p. 363). Gracián destaca que o homem se faz sábio quando sabe reparar e examinar tudo, de modo que se admire ou se desiluda (cf. 1997, p. 364) com o que vê e aprende.

Durante a terceira jornada de um *discreto viver* é preciso meditar sobre o muito que se leu e que se viu. Gracián afirma que o ver torna o homem bem informado, porém o meditar o faz sábio (cf. 1997, p 365).

Entre tais ensinamentos destaca-se a concepção da vida como uma longa viagem. Antonio Vilanova ressalta que a ideia da vida como uma errante peregrinação aparece reiteradas vezes no Antigo Testamento, por isso foi atualizada pelos doutores da Contrarreforma como modelo ético para a aristocracia católica. Por isto, o *peregrino*, aquele que faz sucessivas viagens fora de sua pátria “es el paradigma del hombre del Barroco y el ideal del caballero cristiano” (1989, p. 332), posto que este arquétipo reúne as virtudes cristãs e estoicas do cavaleiro andante com os ideais do perfeito cortesão (cf. 1989, p. 332-333).

Ante tais considerações é pertinente indagar: se o perfeito cavaleiro cristão deve repartir sua vida em estudar, viajar e meditar, qual seria o modelo da perfeita mulher da nobreza? Castidade, recato e silêncio, sintetizam os tratados dos pregadores católicos dos séculos XVI e XVII (cf. VIGIL, 1994, p. 18-20). Sua educação deve limitar-se ao que seja necessário para o cuidado da casa e dos filhos. Não há colégios para mulheres, nem a possibilidade de ir à universidade. A mulher nobre e honrada deve manter-se afastada do ruído mundano da rua. Sua secundariedade intelectual e política são claramente expressas na reiterada recomendação de que publicamente demonstre modéstia e mantenha-se em silêncio¹.

Naquele período as mulheres que se moviam com liberdade pelos espaços urbanos e pela geografia espanhola eram as inúmeras pícaras, prostitutas e cortesãs (cf. DELEITO, 1998). Ocuparam também os espaços literários, tanto que numerosas obras tiveram título e protagonistas femininos, tais como *La pícaro Justina* (1605), de Francisco de Úbeda; *La hija de Celestina* (1612), de Salas Barbadillo; e *La niña de los embustes* (1632), de Alonso de Castillo Solórzano. Em todas elas a mulher representa um perigo para o bolso, a moral e a vida do homem.

¹ “Mas como quiera que sea, es justo que se precien de callar todas, así aquéllas a quien les conviene encubrir su poco saber como aquellas que pueden sin vergüenza descubrir lo que saben, porque en todas es no sólo condición agradable, sino virtud debida, el silencio y el hablar poco” (Fray Luis de León, *La perfecta casada*, apud VIGIL, 1994, p. 20).

Pablo Jauralde Pou explica que essas “apicaradas historias” mimetizam os vícios da sociedade do seu tempo: as falsas aparências, os enganos e a cobiça (cf. 1985, p. 21-22).

Na contramão desta moda literária posiciona-se María de Zayas y Sotomayor, contista madrilense que compõe, em suas obras, um encômio à mulher. Nas *Novelas amorosas y ejemplares* (1637) concede o protagonismo a personagens femininas que, com ações admiráveis, mostram que as mulheres também têm virtudes e, os homens, vícios.

Entre as elogiáveis figuras destaca-se Jacinta, que protagoniza um conto com dupla trama. Na primeira a jovem inexperiente deixa-se levar pela paixão amorosa, casa-se secretamente com Dom Félix e consuma a união matrimonial. Foge com ele, separam-se. Ela pensa que ficou viúva e torna-se freira, mas volta a encontrar o marido após seis anos e o fogo do amor renasce. Viajam juntos a Roma para pedir ao Papa que a dispense dos votos religiosos. Ele concede e casa-os oficialmente. Porém, penitencia-os a viver um ano afastados, porque se uniram sexualmente enquanto ela ainda era freira. Regressam a Madri e Dom Felix parte para a guerra, disposto a cumprir a penitência, mas morre em um naufrágio.

As lágrimas da bela viúva secam após três anos, quando conhece Célio. O amor entra pouco a pouco no coração de Jacinta, por meio do prazeroso convívio, mas se torna obsessivo quando ele rejeita a possibilidade do casamento, porque está decidido a seguir a carreira eclesiástica.

Quando Célio se muda para Salamanca e tem uma amante, Jacinta viaja a fim de reconquistá-lo, mas é enganada, roubada e abandonada nas proximidades de Barcelona. Então corta os cabelos, veste-se de zagal e se refugia em Montserrat. Ali pede ajuda à Virgem e ocupa-se pastoreando ovelhas nos ermos e elevados prados.

Depois de quatro meses de isolamento, Fábio, um cavalheiro madrilense a encontra, enquanto peregrinava pelas grutas do santuário. Ao piedoso Fábio, Jacinta conta o que lhe aconteceu. Como homem *discreto*, ele a aconselha a escolher um modo de vida adequado à sua nobreza e fortuna. Sugere que regresse a Madri e volte à vida religiosa, ou escolha um novo marido. Contudo, Jacinta opta pelo caminho do meio. Decide recolher-se em um convento, porém, sem fazer os votos religiosos, pois não poderia entregar seu amor a outro homem, nem mesmo ao Divino Esposo. Explica: “para

admitir esposo, me lo estorba mi amor, y para ser de Dios, ser de Celio; porque, aunque es la ganancia diferente, para dar la voluntad a tan divino Esposo, es justo que esté muy libre y desocupada” (ZAYAS, 2000, p. 209-210).

Jacinta avaliza sua opção em sua autonomia financeira e em sua condição de viúva, que lhe garantem considerável independência:

Hacienda tengo; bien podré estarme en el estado que poseo sin mudarme de él. Soy fénix de amor: quise a don Félix hasta que me le quitó la muerte; quiero y querré a Celio hasta que ella triunfe en mi vida. Hice elección de amar y con ella acabaré (ZAYAS, 2000, p. 210).

Considerando-se o paradigma aristotélico de que a prudência consiste em optar pelo meio termo, desviando-se dos excessos (cf. ARISTÓTELES, 2001, p. 41), pode-se afirmar que a escolha de Jacinta é prudente, porque representa um ponto de equilíbrio entre as opções dadas por Fábio. Também porque sua opção harmoniza as normas da fé católica, da moral da sociedade aristocrática e seus próprios desejos. Há que se destacar que a escolha de Jacinta é verossímil para uma jovem viúva, rica, nobre e católica da sociedade espanhola da primeira metade do século XVII².

Observando-se a tessitura do conto, nota-se que, em torno à matéria amorosa, se organiza uma ‘lição exemplar’ de discrição e prudência protagonizada pela personagem feminina. A exemplaridade de sua trajetória é destacada pelo final louvável.

Examinando a conduta amorosa da protagonista percebe-se que, nos relacionamentos com Dom Félix e Célio, Jacinta experimenta diversos acidentes do amor tais como o segredo, a separação, a lealdade, o ciúme, o amor degradante e a obsessão. Tais afetos são descritos nos tratados sobre o amor, cuja principal fonte são as obras de Ovídio. Em *Os remédios para o amor* (c. 10 a.C.) o autor latino diagnostica como ‘enfermidade’ o amor degradante, isto é, aquele que sujeita o homem à dominação de uma amante indigna, que engana ou decepciona o coração que se rendeu a ela (2006, p. 117-118). Indica como oportuna para iniciar a terapia de cura a ocasião em que o incêndio amoroso “sucumbe à sua própria violência” (2006, p. 122).

O tratamento que Ovídio prescreve contempla procedimentos curativos como viajar para afastar-se dos lugares que o fazem lembrar a amante indigna,

² Sobre os motivos que levavam mulheres nobres e ricas a escolher a vida conventual, leia-se o capítulo “Del claustro familiar al claustro monástico”, in: SÁNCHEZ LORA, José L. *Mujeres, conventos y formas de la religiosidad barroca*. Madrid: Fundación Universitaria Española, 1988, p. 139-163.

preferentemente ir ao campo e dedicar-se às atividades rurais, contemplar a beleza dos riachos e das ovelhas pastando. Sugere que o ‘enfermo’ se dedique a meditar sobre os vícios e defeitos da amada e a refletir sobre os tormentos que experimentou, até que as brasas percam suas forças e o amante recupere a saúde da alma (cf. 2006, p. 127).

No conto espanhol, pode-se considerar que Jacinta encontra a ocasião propícia para iniciar a cura do amor obsessivo após a violência do roubo e abandono próximos a Barcelona. Os benefícios terapêuticos do pastoreio nos solitários picos de Montserrat favoreceram a meditação sobre os tormentos que experimentou, como indicam suas digressões.

Sentada na relva, diante de seu interlocutor, como as Dianas do romance pastoril, através do relato autobiográfico Jacinta leva o ouvinte-leitor a acompanhar seu trânsito por um universo de afetos. Como exemplo feminino do *discreto*, delineado por Gracián, ao meditar sobre tudo o que viveu desvanecem-se as ilusões, aprende a controlar os afetos e a guiar-se pela luz da razão, com a qual é capaz de escolher um modo equilibrado de amar e de viver.

Deve-se destacar que, com a resolução de ser ‘firme no amor’, Jacinta demonstra possuir a vontade inquebrantável que caracteriza as *personagens peregrinas* dos romances amorosos de aventura (cf. VILANOVA, 1989, p. 355-357), as quais estoicamente se resignam às vicissitudes de uma conturbada trajetória, sem jamais abandonar as metas a que se propuseram³, assim como fez Ulisses em sua viagem de retorno a Ítaca.

Apesar de ter deixado seu país apenas uma vez, para ir a Roma, e, como ela mesma diz, saber “tan poco de caminos” (ZAYAS, 2000, p. 206), os reveses da fortuna levam Jacinta a viver uma curiosa ‘peregrinação’ por diferentes estados civis e de alma. Penso que María de Zayas favorece a representação da mulher em *Aventurarse perdiendo* ao transferir a importância da dimensão externa da peregrinação dos heróis épicos e do romance amoroso de aventuras para a ‘jornada interior’ da protagonista feminina.

Há que notar como, em *Os remédios para o amor*, Ovídio coloca o homem na posição de “enfermo” e a mulher na de “amante indigna” (2006, p. 117). Contudo, Zayas

³ Vilanova assevera que a valorização das virtudes morais nos romances bizantinos produz o elogio à virtude estoica da resignação “y de la fuerza inmanente que reside en la voluntad” (1989, p. 355).

inverte os papéis: Dom Félix e Célio promovem o infortúnio, a obsessão e o desespero da mulher que os ama. São, portanto, ‘amantes indignos’, ao passo que Jacinta ama de modo mais constante, intenso e leal.

É importante considerar que, por intermédio do estratégico relato autobiográfico, a autora dá voz à mulher, que fala de suas emoções diante de um homem que a ouve atenta e respeitosamente.

Para o leitor espanhol do século XVII a eloquente narrativa do conto de María de Zayas certamente une-se a outras vozes que advogam pela causa feminina, cuja principal reivindicação é o reconhecimento de que a mulher tem aptidão para as letras, isto é, tem capacidade intelectual para aprendê-las, ensiná-las e escrevê-las (cf. OLIVARES, 2000, p. 31). A ação exemplar de Jacinta, neste contexto, prova que Zayas tem talento para as letras e que, por meio delas, é capaz de ensinar prudência.

Com este esplêndido conto Zayas oferece ao leitor um padrão muito mais digno para representar a mulher que o das pícaras, celestinas e cortesãs. Se elas se movem livremente em busca de vítimas, na jornada de Jacinta os deslocamentos e os reveses da fortuna têm o efeito pedagógico da viagem, mãe da experiência, via para a instrução do homem sábio, como diz Sêneca:

No aprovecha nada la peregrinación que no refrenó los apetitos, no templó los deleytes, no venció las yras, no quebró los impetus indómitos del amor, y al fin no fué parte para sacar uno de los males arraygados en el alma; no añadió juyzio, no sacó al hombre del error (apud VILANOVA, 1989, p. 390).

As palavras de Sêneca⁴ estão claramente dirigidas ao homem, assim como todos os tratados de cortesia e prudência, aspecto que intensifica o arrojo da proposta política e literária de María de Zayas. Ao verter os paradigmas da filosofia neoestoica à trama que envolve as admiráveis protagonistas femininas de seus contos, é possível afirmar que a autora promove a educação afetiva de suas leitoras e leitores, incitando-os à correta percepção do bem e do mal em todas as coisas, à moderação das paixões e à prudência, virtude da qual decorrem as boas escolhas, as boas obras e a felicidade⁵.

No século XX outras autoras, comprometidas com a emancipação feminina, atualizam o tema da viagem como caminho para o aprendizado e o autoconhecimento.

⁴ Sêneca foi o espelho da filosofia neo-estoica que norteou o pensamento e as artes espanholas dos séculos XVI e XVII (cf. VILANOVA, 1989, p. 389-390).

⁵ Aristóteles define a prudência não como “un conocimiento o ciencia sino un estado o capacidad: un hábito mediante el cual el ser humano opta por lo bueno de cara a la vida feliz (apud PÉREZ, 2005, p. 44).

Nas letras brasileiras podemos vislumbrar esta concepção na obra de Cecília Meireles (1901-1964). Assídua viajante, em uma entrevista disse que “viajar para mim nunca foi turismo. Viagem é alongamento de horizonte humano”⁶. Em uma de suas *Crônicas de viagem* aponta os múltiplos aspectos para os quais o vagamundo deve estar atento:

Viajar é ir mirando o caminho, vivendo-o em toda sua extensão e, se possível, em toda sua profundidade também. É entregar-se à emoção que cada pequena coisa contém ou suscita. É expor-se a todas as experiências e todos os riscos, não só de ordem física – mas, sobretudo, de ordem espiritual. Viajar é uma outra forma de meditar (apud PAIVA, 2010, p. 2).

Com estas palavras Cecília Meireles realça as dimensões sensorial, emocional, racional, corpórea e espiritual implicadas na viagem. Sua concepção está em conformidade com a expressa por Montaigne (1967), que acredita que a viagem nos oferece o melhor meio “de polir nosso cérebro pelo contato com os outros” (apud TODOROV, 2006, p. 237). Para Montaigne, é explorando o mundo que o sujeito começa a se descobrir, sintetiza Todorov (loc. cit.).

Lori, a protagonista de *Uma aprendizagem, ou O livro dos prazeres* (1969), de Clarice Lispector, realiza a entrega às emoções, a exposição às experiências e riscos, de ordem física e espiritual, que Cecília Meireles recomenda aos viandantes. Lori faz uma longa e dolorosa viagem interior de autoconhecimento, guiada por seu professor de filosofia, Ulisses. Ele a impele a conhecer sua própria essência, para amar-se e, então, poder realmente amar os outros, como se depreende do seguinte fragmento:

Não era à toa que ela entendia os que buscavam caminho. Como buscava arduamente o seu! E como hoje buscava com sofreguidão e aspereza o seu melhor modo de ser, o seu atalho, já que não ousava mais falar em caminho. Agarrava-se ferozmente à procura de um modo de andar, de um passo certo. Mas o atalho com sombras refrescantes e reflexo de luz entre as árvores, o atalho onde ela fosse finalmente ela, isso só em certo momento indeterminado da prece ela sentira. Mas também sabia de uma coisa: quando estivesse mais pronta, passaria de si para os outros, o seu caminho era os outros. Quando pudesse sentir plenamente o outro estaria salvo e pensaria: eis o meu porto de chegada.
Mas antes precisava tocar em si própria, antes precisava tocar no mundo (LISPECTOR, 1993, p. 67).

⁶ Depoimento dado em entrevista à revista *Manchete*, em 1964. Apud Kelen Benfenatti Paiva. “Entre malas e vacinas: o lirismo itinerante de Cecília Meireles” (2010, p. 1).

Lori reza para confortar seu espírito, outras vezes discute com Deus, dialoga com Ulisses e encontra alívio ao escrever. Pode-se dizer que sua aprendizagem tem como via a peregrinação interior e como método o exame de seus sentimentos. O estudo da natureza e qualidades de sua alma, assim como a “exploración de sus varios y luengos codos y recodos y tortuosidades” (1948, p. 1148) levarão a iniciante ao autoconhecimento, este à sabedoria, de acordo com os postulados de Luis Vives, em *Tratado del alma* (1538).

É curioso observar que durante o período de isolamento e meditação Jacinta e Lori parecem pôr em prática os preceitos da filosofia epicurista. Para Epicuro o verdadeiro bem é o prazer. Contudo, “a ausência da dor, tanto em relação à alma (*ataraxía*) como em relação ao corpo (*aponía*), é considerada como sumo prazer” (REALE; ANTISERI, 2009, p. 268). Para alcançar o sumo bem, aconselha: “retira-te para dentro de ti mesmo” (apud REALE; ANTISERI, 2009, p. 272). O filósofo ensina que neste entrar em si e permanecer em si é que pode ser encontrada a paz da alma, a *ataraxía*. Quem a tem é totalmente senhor de si, é um sábio, “porque o verdadeiro bem, à medida que vivemos e enquanto vivemos, está sempre e somente em nós” (REALE; ANTISERI, 2009, p. 273), de acordo com Epicuro. Apesar dos mais de trezentos anos que separam as experiências de Jacinta e Lori, é possível observar que ambas as personagens femininas compartilham, em sua viagem interior, o desejo de alcançar o sumo prazer que advém da paz da alma, aprendizado que irá torná-las totalmente senhoras de si.

De forma bastante evidente a odisseia de Lori, na obra de Clarice Lispector, inverte a representação dos papéis da clássica odisseia de Ulisses. No poema de Homero o homem é protagonista da grande viagem, vencedor de inúmeros desafios que enaltecem sua perspicácia, coragem e prudência, enquanto sua esposa, Penélope, pacientemente o espera. Lispector compõe uma protagonista que enfrenta o desconhecido e fortalece o espírito com os obstáculos, enquanto o homem a aguarda. Indubitavelmente, neste romance Lispector favorece a representação do *segundo sexo*, que assume o primeiro plano do discurso e da ação para mimetizar como “é difícil para a mulher se ver como pessoa individualizada”, afirma Sylvia Parlingeiro Paixão (1993, p. 7). A estudiosa observa que “na literatura feminina, essa questão vai ser amplamente mostrada através de narrativas centradas em personagens também femininas, que refletem a mulher escritora” (loc. cit.).

Encontramos tal contexto no premiado romance espanhol *Mientras vivimos* (2000), de Maruja Torres⁷. A protagonista é Regina, escritora que aos cinquenta anos enfrenta uma crise profissional em consequência de problemas familiares e pessoais. No último capítulo soluciona o conflito com sua ambiciosa estagiária. A mulher madura aconselha a aprendiz a não repetir seus erros. Diz-lhe que, para ser uma boa escritora e escrever um romance em que a protagonista seja uma mulher de verdade, não um estereótipo, terá de “averiguar quién eres, buscar en ti tus raíces, ser auténtica” (2000, p. 253). Deverá ser ela mesma, encontrar sua força dentro de si, revolver seu interior e seu passado até encontrar “aquello que constituye tu esencia” (loc. cit.).

Após acomodar a desordem exterior, a protagonista dedica-se à ordem interior. Então, parte em viagem a Roma e ali faz longas caminhadas que lhe permitem “volver a vivir, volver a mirar”, ao mesmo tempo em que põe à prova “su capacidad para observar y entender” (2000, p. 259).

Na última página a personagem escritora, enquanto toma um *cappuccino*, rabisca o título de um possível romance: *Mientras vivimos*. O leitor, então, é levado a crer que as caminhadas solitárias em Roma conduziram a protagonista à jornada de autodescoberta que havia recomendado a sua estagiária e que a obra que acaba de ler resulta da reflexão sobre o seu passado, como se a protagonista fosse o alter ego da autora.

Há que observar que as narrativas mencionadas como exemplo da fluidez do tema da viagem como jornada interior de autoconhecimento são protagonizadas por personagens femininas. Ainda que Cecília Meireles, em suas *Crônicas de viagem*, descreva seus deslocamentos espaciais e faça menção à dimensão espiritual que eles podem alcançar, não expõe sua própria experiência. Tampouco a engenhosa ficcionalização da escritora, no romance de Maruja Torres. Contudo, o leitor contemporâneo encontra em *Comer rezar amar* (2006), de Elizabeth Gilbert, o relato em primeira pessoa de uma jornalista que protagoniza como “é difícil para a mulher se ver como pessoa individualizada”, parafraseando Paixão (1993, p. 7).

Creio que é interessante apontar as semelhanças desse romance com as prescrições de Baltasar Gracián para a *Culta repartición de la vida de un discreto* (1646)⁸. Recordemos que Gracián assevera que o homem que ambiciona ser sábio deve

⁷ A obra recebeu o *Premio Planeta 2000*.

⁸ Este é o título do capítulo XXV do tratado *El discreto* (1646), já mencionado.

peregrinar, isto é, deve buscar e desfrutar “de todo lo bueno y lo mejor del mundo” (1997, p. 363). Parece-me que há uma alusão direta ao texto do pensador espanhol no longo subtítulo do romance de Elizabeth Gilbert: *A busca de uma mulher por todas as coisas da vida na Itália, na Índia e na Indonésia*. Suponho que no idêntico emprego do verbo ‘buscar’ e do advérbio ‘todo/todas’, bem como no parentesco semântico entre ‘mundo/ coisas da vida’, a autora faz alusão a sua fonte inspiradora: as vetustas lições de sabedoria de Baltasar Gracián.

A hipótese se sustenta na observação de que Elizabeth, protagonista da viagem e autora do relato, segue as recomendações dadas ao *discreto*: aprende línguas; estuda História e as Sagradas Escrituras do Oriente e do Ocidente; lê as obras de grandes pensadores, como Gandhi e Mandela, também as de grandes poetas, como Dante Alighieri e Goethe. Julgo que Elizabeth dedica muitas horas de sua viagem a meditar sobre o muito que viu e leu, seja como exercício espontâneo da mente, como fio condutor de sua narrativa autobiográfica, ou como exercício indicado por seus mestres gurus.

Considero que, como resultado da ampliação do conhecimento de mundo e de sua jornada interior de autodescoberta, Elizabeth Gilbert obtém os salutares efeitos da viagem prescritos por Sêneca: vence a ira e os ímpetos indômitos do amor, cura os males arraigados à alma e, por fim, alcança o equilíbrio emocional tão almejado.

Convém mencionar a importância da oração silenciosa e pessoal na jornada de autoconhecimento e cura percorrida por Jacinta, Lori e Elizabeth. Esta prática remete ao caminho descrito por Santa Teresa de Jesús (1515-1582) em *Las moradas del castillo interior* (1577), obra de acentuado matiz autobiográfico em que a monja ensina como, mediante a prece e a meditação, a suplicante percorrerá as sete moradas da alma, entenderá quem realmente é e o valor de sua alma (cf. 1999, p. 213). Além disso, ao longo de sua peregrinação espiritual ela aprenderá “cómo en la oración se une el alma a Dios” (1999, p. 331).

Devemos ter em conta que a sutil capacidade de unir a alma a Deus compreende um aspecto imprescindível à perfeição da alma racional. Conforme explica Aristóteles, em *Ética a Nicômacos*, a alma racional tem dois aspectos, conforme se volte para as coisas mutáveis da vida ou para os princípios e as verdades supremas. São elas a sabedoria (*phonésis*) e a sapiência (*sophia*). “A sabedoria consiste em dirigir bem a vida

do homem, ou seja, em deliberar de modo correto acerca daquilo que é bom ou mal para o homem. Já a sapiência é o conhecimento daquelas realidades que estão acima do homem” (ARISTÓTELES apud REALE; ANTISERI, 2009, p. 220). Para Aristóteles, “precisamente no exercício desta última virtude, que constitui a perfeição da atividade contemplativa, o homem alcança a felicidade máxima”, sintetizam Reale e Antiseri (2009, p. 221).

De acordo com tal doutrina, ao praticar a oração silenciosa e pessoal, as mulheres e as personagens femininas, em busca da união com Deus, avançam pelo caminho que guia à mais elevada das virtudes, aquela que conduz à perfeição da alma racional e, conseqüentemente, permite um nível de compreensão mais ampla da vida, do bem e do mal: a sapiência. Pode-se dizer, então, que seria correto atribuir a tais figuras femininas “a disposição ou faculdade de participar das verdades inteligíveis e eternas” (PÉCORA, 1997, p. XI) que se desejava encontrar no perfeito homem da corte europeia dos séculos XVI e XVII e, por extensão, nos homens que a representavam em suas colônias.

Santa Teresa de Jesús, mestra do caminho de perfeição, é uma autoridade que os próprios doutores da Igreja reconheceram, permitindo a publicação e a divulgação de seu aprendizado. Sua obra, de perene vigência, prova que as mulheres podem aprender o caminho da sabedoria e da sapiência. Não apenas isto, prova que podem aprendê-lo e ensiná-lo.

O caráter autobiográfico dos escritos de Santa Teresa de Jesús, nos quais revela os passos da jornada interior de autoconhecimento e da meditação contemplativa, tem um valor singular, posto que tal imbricação se repetiu poucas vezes. Por isto, parece-me que o caráter autobiográfico de *Comer rezar amar* constitui uma inovação audaz na literatura de autoria feminina, que merece elogio por descrever a ‘travessia interior’ como experiência pessoal, aspecto que, sem dúvida, intensifica a aproximação entre a narradora e suas leitoras e leitores.

O breve estudo aqui apresentado nos indica que os homens sempre buscaram um caminho que os levasse ao aprimoramento de suas capacidades morais e éticas, tanto por meio dos muitos filósofos que se aplicaram ao exame das virtudes da prudência e da sabedoria, assim como dos incontáveis homens de letras que atualizaram tais argutas lições. Contudo, o estudo demonstra que muitas mulheres também se aplicaram ao aprendizado dirigido aos homens, em busca de um caminho, de dimensões tanto

exteriores quanto interiores, que as conduzisse ao autoconhecimento, à educação das virtudes do espírito e da razão, a fim de encontrar um modo de vida pleno e feliz, necessário e útil a todas as formas da vida política e social.

Considero que a obra autobiográfica de Elizabeth Gilbert segue por esta senda, atualiza as lições prudenciais de Sêneca e Baltasar Gracián, também o arrojo da contista María de Zayas ao indicar que, por meio de erros e acertos, uma mulher pode trilhar os caminhos da prudência. Mas, principalmente, o romance de Gilbert renova e corrobora a prova dada pela pluma feminina de Santa Teresa, María de Zayas, Cecília Meireles, Clarice Lispector e Maruja Torres de que, assim como fizeram muitos varões ilustres, a mulher também pode aprender e ensinar a arte da sabedoria, pode escrever e publicar livros sobre a arte de saber ser.

Referências

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. Trad. Mário da Gama Kury. 4. ed. Brasília: Ed. UnB, 2001.

DELEITO Y PIÑUELA, José. *La mala vida en la España de Felipe IV*. 3. reimp. Madrid: Alianza, 1998.

GILBERT, Elizabeth. *Comer rezar amar: a busca de uma mulher por todas as coisas da vida na Itália, na Índia e na Indonésia*. Trad. Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

GRACIÁN, Baltasar. *El héroe. El discreto. Oráculo manual y arte de prudencia*. Edición Luys Santa Marina. Introducción y notas Raquel Asun. Barcelona: Planeta, 1990.

JAURALDE POU, Pablo. Introducción. In: CASTILLO SOLÓRZANO, Alonso de. *Las harpías en Madrid*. Madrid: Castalia, 1985, p. 7-31.

JESÚS, Santa Teresa de. *Las moradas del castillo interior*. Ed. Dámaso Chicharro. Madrid: Biblioteca Nueva, 1999.

LISPECTOR, Clarice. *Uma Aprendizagem, ou O livro dos prazeres*. 19. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

OLIVARES, Julián. Edición, Introducción, notas. In: ZAYAS Y SOTOMAYOR, María de. *Novelas amorosas y ejemplares*. Madrid: Cátedra, 2000.

OVÍDIO. *A arte de amar. Os remédios para o amor*. Trad. Dúnia Marinho da Silva. Porto Alegre: L&PM, 2006.

PAIVA, Kelen Benfenatti. Entre malas e vacinas: o lirismo itinerante de Cecília Meireles. *Anais Fazendo Gênero 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. 2010. Disponível em: www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278298471_ARQUIVO_KelenBenfenattiPaiva.pdf Acesso em: 10 mar. 2012.

PAIXÃO, Sylvia P. Apresentação. In: LISPECTOR, Clarice. *Uma Aprendizagem, ou O livro dos prazeres*. 19. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993, p. 5-12.

PÉCORA, Alcir. Prefácio à edição brasileira. In: CASTIGLIONE, Baltassare. *O cortesão*. Trad. Carlos Nilson Moulin Louzada. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. VII-XV.

PÉREZ MARTÍNEZ, Ángel. *El buen juicio en el Quijote: un estudio desde la idea de la prudencia en los Siglos de Oro*. Valencia: Pre-textos, 2005.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: Filosofia pagã antiga*. Trad. Ivo Storniolo. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2009. v. 1.

SÁNCHEZ LORA, José L. *Mujeres, conventos y formas de la religiosidad del Barroco*. Madrid: Fundación Universitaria Española, 1988.

TODOROV, Tzvetan. A viagem e seu relato. Trad. Lea Mara Valezi Staut. *Revista de Letras*. São Paulo, v. 46, n. 1, p. 231-244, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/letras/article/view/50/44> Acesso em 10 mar. 2012.

TORRES, Maruja. *Mientras vivimos*. Barcelona: Planeta, 2000.

VIGIL, Mariló. *La vida de las mujeres en los siglos XVI y XVII*. 2. ed. Madrid: Siglo XXI, 1994.

VILANOVA, Antonio. *Erasmus y Cervantes*. Barcelona: Lumen, 1989.

VIVES, Juan. Tratado del alma. In: *Obras completas*. Ed. Lorenzo Riber. Madrid: Aguilar, 1948, v. 2, p. 1147-1319.

ZAYAS Y SOTOMAYOR, María de. *Novelas amorosas y ejemplares*. Ed. Julián Olivares. Madrid: Cátedra, 2000.

Recebido em agosto de 2013.

Aceito em dezembro de 2013.